



Embrapa, Saab e Corfi

# Caminhos A

## Tecnologia dita novas palavras de ordem para confinadores de hoje e amanhã

Adilson Rodrigues

**A** crise se instalou e a arroba está procurando um piso de preço, mas o mundo não para de girar. Quem vive do confinamento precisa compensar perdas financeiras com aumento da produtividade e da qualidade do produto. Essa é a força que rege o mercado há muitos anos. E quem sair na frente certamente colherá os frutos num futuro próximo, ficando menos refém de especulações, pois poderá contar com ferramentas que otimizam a produção e permitam controlar gastos. “A tendência é de que o produtor

utilize com maior frequência instrumentos já oferecidos, como os mercados futuro, de opções e a termo, parcerias de produção, medidas que evitem desperdício e diminuam o tempo dos animais no confinamento”, enumera Bruno Andrade, zootecnista da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon).

Para Francisco Vila, conselheiro da Projeta Consultoria e da Associação Brasileira do Novilho Precoce (ABNP), o sucesso do negócio começa, justamente, no conhecimento dos custos de produção,

que por consequência abrirá margens para novos investimentos em tecnologia, infraestrutura, técnicas de manejo e modelos de comercialização. “Hoje, a blindagem dos preços na bolsa de mercados e futuros é uma excelente opção para confinadores”, frisa. Mas, para tanto, tem-se de acompanhar as cotações futuras regularmente e simular antecipadamente os investimentos que serão exigidos. Existem diversos perfis de confinamento e cada um com sua própria demanda estrutural. “Não se precisa adquirir todo o aparato



tecnológico de uma só vez e sim crescer ano a ano”, ressalta o conselheiro.

A partir deste ponto começa o processo de intensificação da produção. Os estabelecimentos de pequeno e médio porte, que usam a estabulação como uma estratégia complementar da produção a pasto, já têm à disposição artifícios suficientes para alcançarem novos patamares de crescimento. Exemplos práticos são a suplementação mineral, adubação e irrigação de pastagens e o próprio melhoramento genético. “Todas já estão amplamente difundidas, entretanto com pouca utilização no segmento pecuário. O que falta não é a tecnologia, mas sim a utilização desta”, afirma Andrade. Para quem não quiser investir tanto, existe uma saída: as parcerias, as quais estão mostrando ascensão na produção, com destaque à de carcaça e à total.

Segundo Andrade, na parceria de carcaça, o gado é pesado na entrada do con-

finamento e após o período de cocho, o que, em média, demora de 60 a 85 dias. No momento do abate, o confinador fica com o referente ao sobrepeso registrado. É uma opção interessante ao pecuarista que procura uma forma de diminuir a pressão de pastejo da propriedade e ao mesmo tempo evitar que seus bois percam peso na estação seca. Na total, o criador engorda o boi e o repassa para terminação em confinamento. Ao final do processo, os custos de ambos são debitados e o lucro é dividido em partes iguais. Outra alternativa são os boitéis. O custo é mais elevado, mas pode compensar. Quando a arroba batia patamares de R\$ 100,00, o lucro calculado foi de 25% ao pecuarista em um grande boitel do interior de São Paulo com capacidade de 25 mil animais.

Vila esclarece que o boitel é uma prestação de serviços altamente profissionalizada e um pouco mais cara por animal, ou arroba ganha, do que em um confinamento na fazenda. No entanto, garante o ganho de peso diário e a permanência mais curta dos bovinos em confinamento. “Os boitéis ainda não conquistaram a confiança total do pecuarista. No entanto, a tendência de crescimento é positiva”, estima. É uma categoria que sofre forte concorrência dos confinamentos pertencentes a empresas agrícolas de porte, capazes de utilizar seus subprodutos na alimentação do gado, dos grandes agricultores que fazem integração com pecuária e dos frigoríficos que possuem estrutura própria para

# BERTOS



terminação. Em censo da Assocon em Goiás, somente 3% dos 486 entrevistados trabalharam com boitel em 2007. “Em 2009, é uma alternativa ao confinador que não tem gado e não pretende comprar”, diz Andrade.

## PRODUTIVIDADE X DESMATAMENTO



O confinamento não deve ser visto como uma forma de se obter o máximo ganho de peso – até porque isso sairia muito caro – ou como a única saída para preservação florestal. As principais maneiras de aumentar a produtividade do rebanho nacional é a aplicação de técnicas de manejo mais profissionais, que podem duplicar a capacidade do pasto para 2 UA/ha sem a necessidade de adubação e a recuperação dos cerca de 40 milhões de hectares de pasto degradados, cujo valor, segundo Vila, pode chegar a R\$ 1.000,00/ha, incluindo custo com fertilizantes, sementes, máquinas e mão-de-obra. Tudo sem a necessidade de derrubar nenhuma árvore. Com um bom manejo a pasto, o boi, hoje, pode ir para o abate entre 20 e 30 meses em sistemas semitecnificados, caso de uma rotação, adubação estratégica ou suplemento a pasto. No confinamento, os bezerros podem ser desmamados com sete ou oito meses com peso de 200 kg, sendo terminados e abatidos entre 19 e 20 meses com peso de 450 kg. No sistema superprecoce, o processo começa com suplementação durante a cria, desmame aos 240 kg, quase sem intervalo de pasto, e confinamento com uma dieta especial que permite o abate com 14 a 15 meses. Esses animais podem encontrar alguma dificuldade na negociação do preço da arroba por serem um pouco mais leves. Por outro lado, existem mercados alternativos, como a Itália, que prioriza esse tipo de carne.

## CONFINAMENTO X SEMICONFINAMENTO



Conforme Dailton Carvalho, sócio-diretor da Projeta, o confinamento tem se mostrado mais rentável por possuir receita garantida e variáveis mais fáceis de se administrar, entre clima, alimentação, animal, entre outros pontos. “Temos notado bastante insucesso de semiconfinamentos porque depende praticamente da quantidade e qualidade de forragem dis-

ponível por animal, que necessita ingerir maior porção do alimento para apresentar o desempenho desejado”, assinala Carvalho. Ele esclarece que o período seco é o fator limitante. “Como o Brasil é um país de grandes extensões e de diversas condições de solo e clima, vamos encontrar situações em que o período de restrição não se apresenta tão drástico, podendo-se desenvolver a técnica sem maiores problemas”. Já Andrade acredita que a escolha depende dos custos dos dois sistemas, valor de mercado da arroba do boi, necessidade de se liberar áreas de pastagens para outras categorias e da qualidade dos pastos e dos próprios animais.

## BEM-ESTAR ANIMAL



De olho nas exigências futuras, os estabelecimentos brasileiros já insinuam um processo de investimento em técnicas de manejo racional que aliviem o estresse dos bovinos, tais como agrupar os animais em lotes separados por tipo, idade, sexo, inteiro ou castrado; criar um cronograma alimentar adequado ao clima e horário do dia, inclusive com utilização do sombreamento; construção correta de declives, cuidados com o solo e a superfície; distribuição de água de qualidade; apartação de animais doentes ou recém-chegados ao confinamento; construção de currais adequados, distribuição estratégica dos cochos, treinamento de mão-de-obra e investimento no transporte do gado ao frigorífico. Países como Estados Unidos e Austrália estão valorizando bastante o bem-estar animal e mudando para dietas de grãos de alto padrão. “Os Estados Unidos e a Austrália não estão à frente do Brasil em tecnologia, mas sim no total de confinamentos que aplicam”, informa Vila. Andrade completa dizendo que ainda levamos vantagem por termos clima mais favorável e custos de produção competitivos.

## MITIGAÇÃO DE GASES



Estudos sobre o tema apontam que, com cuidados adequados de manejo de pastagens (pastejo correto) e reprodução na criação extensiva e das dietas de bovinos confinados, é possível dobrar a produtividade atual e ainda diminuir a produção de gás metano sensivelmente. “Hoje, o Brasil tem capacidade de produzir 1 UA por hectare de

pasto. Com a melhora da qualidade das forrageiras, devido ao pastejo no momento correto, e das dietas fornecidas no cocho é possível termos 3UA por hectare e ainda derrubar a produção de gás metano, em média, de 894 g para 533 g por quilo de carcaça produzida, ou seja, 40%. Sem o uso do confinamento como ferramenta é possível ter 2 UA por hectare e reduzir o metano em 30% por produto produzido (de 894 g para 626 g). E tudo isso sem o criador precisar gastar um centavo a mais em estrutura. De acordo com o pesquisador, o segredo está na gestão do negócio, em como promover o melhor aproveitamento do confinamento terminal na produção a pasto, técnica consolidada em plantéis um pouco mais profissionalizados. Nos confinamentos, o controle da dieta é o caminho. O aumento do fornecimento de proteína otimiza os índices zootécnicos e ajuda na preservação do ambiente, porém só pode ser feito até um certo ponto para não encarecer demais a produção.

## MARCADORES GENÉTICOS



De forma incontestável, os marcadores moleculares ainda são uma tecnologia incipiente no Brasil, necessitando de mais tempo de estudo, bem como maior número de abate de animais selecionados com sua ajuda. “Não podemos ter uma noção isolada de marcadores que atuam sobre uma ou outra característica”, comenta Luciana Correia de Almeida Regilano, doutora em genética molecular animal e pesquisadora da Embrapa Pecuária Sudeste (São Carlos/SP). Agora, quando isso ocorrerá no Brasil dependerá do acesso dos produtores a essa ferramenta, que ainda apresenta custos altos. Convênio entre a Embrapa Pecuária Sudeste e a Esalq resultou em uma pesquisa que envolverá a avaliação de 2 mil novilhos da raça Nelore. Os animais serão avaliados para desempenho, consumo e qualidade de carne, como maciez. Eles vão ser confinados em São Carlos e na Embrapa Gado de Corte, localizada em Campo Grande/MS. Todos serão genotipados. “O interessante é que foram escolhidos indivíduos que representem a variabilidade genética existente na raça Nelore, contendo animais bons e ruins para as características avaliadas”, explica a Dr<sup>a</sup> Luciana Correia.